

ciência, na prática do bem,
de tal modo, que possas re-
ceber, com o despertar de
cada manhã, um nôvo re-
nascimento na casa física e,
no descanso de cada noite,
um ensaio de regresso tran-
qüilo ao teu lar verdadeiro,
na Vida Espiritual.

ALBINO TEIXEIRA

CONTRA-SENSOS

Quando a gôta se viu
semelhante a uma gema va-
liosa, na folhagem da prima-
vera, insultou o rio em que
se formara: Sai da frente,
monstro do chão.

Quando o tronco se agi-
gantou diante do firmamen-
to, blasfemou contra a pró-
pria raiz: Não me sujes
os pés.

Quando o vaso passou
pela cerâmica em que nas-

cera, gritou, revoltado: Não suporto essa lama.

Quando o ouro se ajustou ao palácio, indagou da terra que o produzira: Que fazes aí, barro escuro?

Quando a seda brilhou, na pompa da festa, disse à lagarta que lhe dera a existência: Não te conheço, larva mesquinha.

Quando a pérola fulgiu, soberana, exigiu da ostra em que se criara: Não te abeires de mim.

Quando o arco-íris se reconheceu admirado pelo pintor, acusou o Sol de que se fizera: Não me roubes a luz.

Copiando êsses contrasensos figurados da Natureza, o homem insensato, quando erguido ao pedestal do orgulho pelos abusos da inteligência, costuma escarnecer de si próprio, afirmando jactancioso: "A vida é poeira e nada, e Deus é ilusão".

EMMANUEL